

Artigo científico

Terminalidade da vida do paciente: uma lacuna na formação dos médicos veterinários

Patient's end-of-life: gap in the formation of veterinarians

¹Giovanna Bauer Valério, Danilo Augusto Mendes Viana², João Pedro Scussel Feranti³, Diego Vilivaldo Beckmann⁴ & Marília Teresa de Oliveira⁵

¹Graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: bauer.gv@gmail.com;

²Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: daniloamviana@gmail.com;

³Doutor em Ciência Animal. Professor na Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: joaoferanti@unipampa.edu.br;

⁴Doutor em Ciência Animal. Professor na Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: diegobeckmann@unipampa.edu.br;

⁵Doutora em Ciência Animal. Professora na Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mariliaoliveira@unipampa.edu.br.

Resumo: Considerando a importância do cuidado com a saúde mental dos estudantes e médicos veterinários, o objetivo do estudo foi avaliar a percepção dos médicos veterinários sobre o preparo obtido sobre a terminalidade da vida do paciente durante a graduação de medicina veterinária e programas de residência. Médicos veterinários matriculados em programas de residência em área profissional da saúde no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, foram convidados a responder um questionário semiestruturado. Obteve-se a participação de 31,3% (N=42) dos profissionais, os quais representam um grupo de risco para o desenvolvimento de esgotamento saúde mental considerando o sexo, idade e tempo de formação. Os treinamentos formais relativos ao gerenciamento de emoções quanto óbito do paciente e prática da eutanásia não foram abordados durante a graduação de mais de dois terços dos respondentes, fato que preocupantemente também é observado durante a pós-graduação. Somente 11,9% (N=2) relatam ter recebido treinamento durante a graduação para comunicar o óbito ao cliente e 9,5% (N=1) durante a residência. O estudo evidenciou que os médicos veterinários atuantes nos programas de residência do Rio Grande do Sul, Brasil, não tiveram preparo durante a graduação nem durante a residência para lidar com o óbito dos pacientes. A inclusão desse treinamento na formação do médico veterinário por meio de disciplinas específicas pode auxiliar na formação de profissionais mais preparados, minimizando o efeito psicológico atrelado.

Palavras-chave: Luto não reconhecido. Saúde mental. Formação médico veterinário. Residência veterinária.

Abstract: Considering the importance of caring for the mental health of students and veterinarians, the objective of the study was to evaluate the perception of veterinarians about the preparation obtained on the terminality of the patient's life during the veterinary medicine graduation and residency programs. Veterinarians enrolled in residency programs in the professional health area in the state of Rio Grande do Sul (RS), Brazil, were invited to answer a semi-structured questionnaire. The participation of 31.3% (N=42) of professionals was obtained, which represents a risk group for the development of mental health exhaustion considering gender, age and training time. Formal training related to the management of emotions regarding the death of the patient and the practice of euthanasia were not addressed during graduation for more than two thirds of respondents, a fact that worryingly is also observed during post-graduation. Only 11.9% (N=2) reported having received training during graduation to communicate the death to the client and 9.5% (N=1) during residency. The study showed that veterinarians working in residency programs in Rio Grande do Sul, Brazil, were not prepared during graduation or residency to deal with the death of patients. . The inclusion of this training for veterinarians through specific disciplines can help in the training of more prepared professionals, minimizing the associated psychological effect.

Keywords: Unrecognized grief. Mental health. Veterinary medical training. Veterinary residence.

1 INTRODUÇÃO

Os médicos veterinários mantêm relação direta e prolongada com os pacientes e seus responsáveis, podendo consolidar vínculos afetivos. Uma particularidade da medicina veterinária frente as demais profissões da área da saúde é a prática da eutanásia em animais de companhia, que é o ato de levar o animal à morte em poucos minutos a partir da administração de fármacos ou substâncias tóxicas (COONEY, 2020). Assim se proporciona uma “boa morte”, ou seja, sem sofrimento.

A decisão pela morte assistida do paciente deve ser feita pelo proprietário do animal, porém aconselhado pelo médico veterinário (SPITZNAGEL et al., 2020). Portanto, o profissional tem responsabilidade técnica sobre essa orientação e pode se envolver emocionalmente. A frequência de realização da eutanásia é relacionada ao humor depressivo (TRAN et al., 2014), o que pode ser agravado pelo sofrimento pelo óbito. Este sofrimento é socialmente desmerecido (ECKERD et al., 2016), o que se nomeia como “luto não reconhecido” (DOKA, 1999). Destaca-se ainda que lidar com o cliente enlutado é desafiador, pois pode suscitar sentimentos relativos ao luto sofrido pelo próprio médico veterinário (DOW et al., 2019).

Nesse contexto, os médicos veterinários que lidam com a finitude dos animais de companhia estão mais propensos ao desenvolvimento de alterações psíquicas e mentais em comparação população em geral (FERNANDEZ-MEHLER et al., 2013; PLATT et al., 2012). São associadas a esses profissionais elevados casos de alterações psicológicas como fadiga por compaixão, *burnout*, *distress*, depressão, ansiedade, além do maior risco de suicídio (DICKINSON et al., 2011; DOW et al., 2019). A prática da eutanásia em animais de laboratório também fomenta o estresse em técnicos de laboratório (LAFOLLETTE et al., 2020). Ainda que não tenham que lidar com o luto do cliente, a ocorrência da relação homem-animal e a frequência da eutanásia diária aumentam os riscos ocupacionais em se tratando do trabalho com mamíferos (LAFOLLETTE et al., 2020).

Os médicos veterinários recém-formados são mais vulneráveis ao desenvolvimento de prejuízos mentais pelo óbito dos pacientes visto que ainda não desenvolveram mecanismos de enfrentamento aos fatores estressantes inerentes à profissão (FRITSCHI et al., 2009). A limitação de informações durante o processo de formação voltadas ao tema da morte gera insegurança e despreparo em médicos (LIMA; ANDRADE, 2017; COSTA et al., 2017), corroborando sofrimento emocional. Entretanto, estudos referentes ao processo de enfrentamento do luto na medicina veterinária são escassos e pouco específicos. Esses abordam principalmente o médico veterinário como mitigador do sofrimento do cliente e não ao possível sofrimento do próprio profissional (DOW et al., 2019; FERNANDEZ-MEHLER et al., 2013).

Considerando a importância do cuidado com a saúde mental dos estudantes e profissionais, o objetivo do presente estudo foi avaliar a percepção de residentes frente ao preparo obtido durante a graduação de medicina veterinária e programas de residência sobre a terminalidade da vida do paciente. Acredita-se na hipótese de que os médicos veterinários recém-formados atuantes no Rio

Grande do Sul, Brasil, não são preparados durante a graduação para lidar com o óbito dos pacientes, o processo de eutanásia e suporte aos clientes e a mesma situação ocorre durante o período de pós-graduação.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi conduzida com médicos veterinários matriculados em programas de residência em área profissional da saúde (Medicina Veterinária) no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, entre março e maio de 2020. Os indivíduos foram convidados à participação voluntária no estudo por e-mail, obtido por meio da secretaria acadêmica de cada instituição. Foram enviados a cada participantes dois e-mails com intervalo de um mês entre eles.

O questionário semiestruturado composto por 16 itens foi fragmentado em três partes: 1) avaliação demográfica; 2) suporte durante a graduação para lidar com a terminalidade do paciente; 3) suporte durante a pós-graduação para lidar com a terminalidade do paciente.

Para identificar o perfil dos médicos veterinários, variáveis demográficas como idade, sexo, tempo de formado e local de graduação foram coletadas. Outras 10 questões dicotômicas com opções de sim/não foram elencadas com intuito de investigar a existência da abordagem institucional durante a graduação e a residência sobre a temática da morte, luto e eutanásia. Os resultados foram avaliados conforme a frequência das respostas.

A pesquisa foi enviada para 134 indivíduos matriculados em todas as seis instituições de ensino do RS que possuem o programa de residência veterinária vinculado ao Ministério da Educação (MEC). O questionário obteve 46 participações, das quais quatro eram duplicadas. Foi incluída a participação mais recente, resultando em 42 respostas válidas, representando 31,3% dos profissionais vinculados a programas de residência do RS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adesão à pesquisa foi superior ao reportado na literatura em alguns trabalhos envolvendo aplicação de questionários online a médicos veterinários. Entretanto, o questionário do presente estudo foi distribuído apenas em um estado brasileiro, enquanto os demais referem-se à população nacional. Em estudo conduzido no Canadá para avaliar a prevalência da saúde mental, Perret et al., (2020) obtiveram a participação de 10% (n= 1403) dos médicos veterinários. Similarmente, 15% (n= 697) dos médicos veterinários da Austrália participaram de estudo que investigou o impacto de lidar com clientes enlutados na saúde mental dos médicos veterinários (DOW et al., 2019).

No entanto, em pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre a prática da eutanásia destinada a um público específico (médicos veterinários membros da sociedade de cuidados paliativos) foi observada maior adesão (36% de respondentes) (DICKINSON et al., 2019), o que pode estar relacionado ao maior interesse na temática pelo público alvo da pesquisa. Tal condição permite estabelecer um paralelo com o presente estudo, pois o questionário também foi atribuído a um público específico, médicos veterinários residentes de um estado brasileiro, e teve adesão acima de 30%.

A medicina veterinária é uma das profissões com maiores índices de alterações na saúde mental (PERRET et al., 2020), como fadiga por compaixão, *burnout*, *distress*, depressão, ansiedade, além do maior risco de suicídio (DICKINSON et al., 2011; DOW et al., 2019). Isso torna os resultados dessa pesquisa extremamente relevantes, afinal, a identificação de fatores de base atrelados ao agravamento de tais prejuízos são fundamentais na tentativa de mitigá-los. De acordo com a literatura consultada nacional e internacionalmente em bancos de dados, esse é o primeiro estudo que investiga o preparo do médico veterinário matriculado em um programa de residência sobre o óbito do paciente sob seus cuidados.

3.1 Dados demográficos

Dos entrevistados, 85,7% (n= 36) graduaram-se em medicina veterinária no RS e a participação majoritária foi de mulheres 69,0% (n= 29). Médicas veterinárias expressam mais empatia e preocupação com o bem estar animal (DOW et al., 2019), o que pode contribuir para a maior ocorrência de ansiedade, síndrome de *burnout* e fadiga por compaixão no sexo feminino (DOW et al., 2019; PERRET et al., 2020).

A idade média dos respondentes foi de 27 anos (23 a 43 anos) e o tempo médio de formado foi de 2 anos (4 meses a 8 anos), o que corrobora outros autores quanto ao maior risco ocupacional observado entre os adultos jovens abaixo dos 35 anos de idade (PLATT et al., 2012), e recém-formados com menos de cinco anos de profissão (HATCH et al., 2011).

Os médicos veterinários que atuam nos programas de residência do RS podem se enquadrar num grupo de risco laboral considerando a vulnerabilidade psicológica associada ao sexo feminino (HARTNACK et al., 2016; HESS-HOLDEN et al., 2019). Além disso, encontram-se na faixa etária de maior risco ocupacional e de tempo de graduação, justamente uma etapa de transição entre a universidade e a carreira profissional correspondente a um período de instabilidade no bem-estar do indivíduo (PLATT et al., 2012). Esses achados reforçam a necessidade de implementação de estratégias que possam mitigar prejuízos a saúde mental da classe profissional, a exemplo da introdução de disciplinas multiprofissionais,

com auxílio de psicólogos, durante a formação do profissional do médico veterinário.

Médicos veterinários de pequenos animais representaram a maior parte dos respondentes 57,1% (n= 24). As especialidades citadas foram: clínica cirúrgica (23,8%, n= 10), clínica médica (19,0%, n= 8), anestesiologia (11,9%, n= 5) e pet terapia (2,4%, n= 1). As demais ênfases foram patologia clínica e patologia veterinária (14,3%, n= 6), diagnóstico por imagem (14,3%, n= 6), clínica e cirurgia de grandes animais (7,1%, n= 3), clínica de animais silvestres (4,8%, n= 2) e saúde pública (2,4%, n= 1). Médicos veterinários de pequenos animais têm relação complexa de trabalho devido ao apego aos pacientes no ato de cuidar, e ao mesmo tempo lidar com os clientes (RUJOIU, O.; RUJOIU, V., 2012). Os profissionais dessa subárea da medicina veterinária apresentam níveis de ansiedade maiores que a população em geral (HATCH et al., 2011; PLATT et al., 2012) e a realização de eutanásia pode estar relacionada ao estresse ocupacional inerente (PLATT et al., 2012).

A dinâmica de relacionamento entre médico veterinário-paciente-cliente pode não ser a mesma daquela vivenciada por médicos veterinários que lidam com animais de produção. Supõe-se que a terminalidade e questões pertinentes ao fim da vida dos animais apresentem relevância e sejam encaradas de formas distintas entre as ênfases profissionais em razão do envolvimento diferenciado com os animais. Essa hipótese necessita ser confirmado com estudos futuros a fim de determinar a melhor abordagem do tema.

3.2 Abordagem sobre a terminalidade da vida durante a graduação

O estudo destacou que a maioria dos médicos veterinários entrevistados não teve preparo durante a graduação para lidar com a terminalidade da vida do paciente (Tabela 1). Durante a formação acadêmica, 88,1% dos respondentes relataram não ter havido a abordagem sobre lidar com o sentimento de perda do paciente ou sobre como lidar com o sentimento ao realizar uma eutanásia (81%). Apenas 11,9% relataram ter o preparo na graduação para comunicar o óbito e 7,1% para dar suporte emocional ao cliente diante da morte de seu animal.

Tabela 1 - Frequência de respostas de médicos veterinários residentes quanto ao suporte oferecido sobre a terminalidade da vida durante a graduação em medicina veterinária e durante a residência (n= 42)

Questionamento	Não		Não	
	n	%	n	%
1. Foi abordado como lidar com o sentimento de perda de um paciente?	37	88,1	38	90,5
2. Foi abordado como lidar com sentimento de eutanasiar o paciente?	34	81,0	38	90,5
3. Você foi preparado para comunicar ao cliente tutor sobre o óbito do paciente?	37	88,1	38	90,5

4. Você foi preparado para dar suporte emocional ao tutor cliente frente ao óbito do paciente?	39	92,9	40	95,2
5. Você cursou alguma disciplina específica para abordagem do processo de morte e morrer?	39	92,9	42	100

A existência de uma disciplina específica na grade curricular do curso de medicina veterinária que aborde o processo de morte e morrer não ocorreu na formação de 92,9% dos entrevistados. A menção sobre o assunto foi feita nas disciplinas de psicologia e veterinária legal, porém essas não integram a grade curricular obrigatória na instituição de ensino dos respondentes, logo não abrange todos estudantes de medicina veterinária nas instituições citadas. A clínica médica de pequenos animais foi o único componente curricular obrigatório em que foi mencionada a abordagem da temática.

Segundo Dow et al. (2019), adequado treinamento e suporte aos acadêmicos de medicina veterinária a respeito do luto dos clientes são necessários para o desenvolvimento de profissionais mais adaptados para lidar com essa situação. Os autores acreditam que é necessário aumentar o conhecimento do médico veterinário sobre saúde mental, para que assim se possa reconhecer sinais de sofrimento entre colegas e o risco de desenvolvimento de fadiga por compaixão. Meehan e Menniti (2014) sugerem também que treinar a comunicação com o cliente é necessário para promover a transição eficaz entre a graduação e a prática profissional, e que metodologia ativa envolvendo simulações de interação com cliente e dramatização pode ser uma estratégia eficaz.

A habilidade de comunicação de más notícias, apoio ao cliente na tomada de decisões, e suporte durante o processo de luto são características essenciais ao médico veterinário (COHEN, 2008). Entretanto, à semelhança do encontrado no presente estudo, Moses et al. (2018) também relatam não haver esse treinamento durante a graduação na América do Norte. Dados encontrados por Dickinson et al. (2019) suportam essa casuística, em que 71% de médicos veterinários que trabalham com cuidados paliativos nos Estados Unidos relatam insatisfação na educação e preparo para lidar com a questão da terminalidade da vida. Ainda, médicos veterinários americanos concordam que as escolas deveriam enfatizar a habilidade de comunicação sobre o fim da vida com os clientes, proprietários dos animais (DICKINSON et al., 2011). A expansão de cursos de medicina veterinária no Brasil colabora com esse cenário no qual as diretrizes têm foco tecnicista da morte e morrer (LESNAU; SANTOS, 2013).

Os dados obtidos com a presente pesquisa refletem a realidade preocupante de algumas instituições do RS, já que 85,7% dos respondentes havia cursado a graduação nesse estado. Assim, trazem um alerta importante sobre a necessidade de implementação de ferramentas que possibilitem a abordagem do tema nos cursos de medicina veterinária. Mais estudos se tornam necessários a fim de verificar a realidade sobre a abordagem dessa temática a

nível nacional, traçando um perfil para o profissional veterinário brasileiro.

O desenvolvimento de fadiga por compaixão pode se relacionar à habilidade de gerenciamento emocional (HESS-HOLDEN et al., 2019). Assim, o presente estudo suscita a necessidade de adaptação curricular em consonância com demais autores, uma vez que a promoção de intervenções poderá fortalecer a capacidade de resolução de problemas dos estudantes em situações profissionais no futuro e reduzir o sofrimento inerente a profissão (HESS-HOLDEN et al., 2019; MOSES et al., 2018).

3.3 Abordagem sobre a terminalidade da vida durante a pós-graduação

O estudo evidenciou que não há treinamento durante o período de residência multiprofissional no Rio Grande do Sul para lidar com a terminalidade dos pacientes e suporte aos clientes, em sua grande maioria (Tabela 1). Apenas 9,5% dos entrevistados responderam ter havido alguma abordagem sobre como lidar com o sentimento de perda e o sentimento ao eutanasiar um paciente. Além disso, 90,5% dos entrevistados não obtiveram treinamento para comunicar o óbito ao cliente e 95,2% não teve treinamento para dar suporte emocional ao cliente enlutado. A ausência de disciplina específica voltada para lidar com o fim da vida dos pacientes foi observada por 100% dos entrevistados, dando continuidade à lacuna educacional do médico veterinário.

Dickinson et al. (2019) acreditam que estes profissionais devem compartilhar com o cliente a tomada de decisão sobre a terminalidade da vida, amenizando a consciência do cliente. Além disso, clientes enlutados consideram importante o suporte dado pelos médicos veterinários quando ocorre o óbito do animal de estimação (FERNANDEZ-MEHLER et al., 2013). Entretanto, uma parcela dos médicos veterinários sente que a sua saúde mental é afetada negativamente justamente por lidar com o luto do cliente e a morte dos animais (DOW et al., 2019). O gerenciamento das emoções fica mais desafiador uma vez que o tema não faz parte do conteúdo programático do curso de medicina veterinária, nem dos programas de residência.

Os médicos veterinários recém-graduados são mais propensos ao desenvolvimento de alterações mentais decorrentes do estresse quando comparados aos trabalhadores com mais tempo de prática (FRITSCHI et al., 2009; HATCH et al., 2011). Dentre os primeiros dez anos de formação, um a cada sete veterinários passam por *burnout* (MASTENBROEK et al., 2014). Considerando a ausência de treinamento durante a graduação, infere-se que os profissionais recém-formados não possuem a

fundamentação teórica para desenvolvimento da habilidade de comunicar más notícias e tampouco lidar com o sofrimento inerente a morte do paciente.

A realização da pós-graduação, a nível de residência, a qual normalmente contempla médicos veterinários com pouco tempo de formação, poderia suprir essa demanda profissional. Acredita-se que essa seja uma realidade não somente do sul do Brasil, mas dos demais estados do país, portanto, a realização de demais estudos é essencial para comprovar essa hipótese. Além disso, se faz necessário investigar os mecanismos de enfrentamento utilizados por esses profissionais para lidar com a perda dos pacientes.

4 CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que os médicos veterinários atuantes nos programas de residência do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, não são preparados suficientemente durante a graduação e pós-graduação em nível de residência para lidar com o óbito dos pacientes. A inclusão desse treinamento formação do médico veterinário por meio de disciplinas específicas podem auxiliar na formação de profissionais mais preparados, minimizando o efeito psicológico atrelado.

AGRADECIMENTOS

G.B.V e D.A.M.V foram parcialmente financiados pela agência estadual brasileira: “Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS” (FAPERGS), Rio Grande do Sul, Brasil.

REFERÊNCIAS

COHEN, S. P. How to Teach Pet Loss to Veterinary Students. *Journal Of Veterinary Medical Education*, v. 35, n. 4, p. 514-519, 2008. 10.3138/jvme.35.4.514.

COSTA, D. T.; GARCIA, L. F.; GOLDIM, J. R. Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário. *Revista Bioética*, v. 25, n. 3, p. 544-553, 2017. 10.1590/1983-80422017253211.

DICKINSON, G. E.; ROOF, P. D.; ROOF, K. W. A Survey of Veterinarians in the US: Euthanasia and Other End-of-Life Issues, *Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals*, v.24, n. 2, p. 167-174, 2011. 10.2752/175303711X12998632257666.

DICKINSON, G. E.; HOFFMANN, H. C. Animal Hospice and Palliative Care: Veterinarians' Experiences and Preferred Practices. *Journal of Veterinary Behavior*, v. 32, p. 57-61, 2019. 10.1016/j.jveb.2019.04.008.

DOKA, K. J. Disenfranchised grief. *Bereavement Care*, v. 18, n. 3, p. 37-39, 1999. 10.1080/02682629908657467.

DOW, M. Q.; CHUR-HANSEN, A.; HAMOOD, W.; EDWARDS, S. Impact of dealing with bereaved clients on the psychological wellbeing of veterinarians. *Australian Veterinary Journal*, v. 97, n. 10, p.382-389, 2019. 10.1111/avj.12842.

ECKERD, L. M.; BARNETT, J. E.; JETT-DIAS, L. Grief following pet and human loss: closeness is key. *Death*

Studies, v. 40, n. 5, p. 275-282, 2016. 10.1080/07481187.2016.1139014.

FERNANDEZ-MEHLER, P.; GLOOR, P.; SAGER, E.; LEWIS, F. I.; GLAUS, T. M. Veterinarians' role for pet owners facing pet loss. *Veterinary Record*, v. 172, n. 21, p. 555, 2013.10.1136/vr:101154.

FRITSCHI, L.; MORRISON, D.; SHIRANGI, A.; DAY, L. Psychological well-being of Australian veterinarians. *Australian Veterinary Journal*, v. 87, n. 3, p. 76-81, 2009. 10.1111/j.1751-0813.2009.00391.x.

HARTNACK, S.; SPRINGER, S.; PITTAVINO, M.; GRIMM, H. Attitudes of Austrian veterinarians towards euthanasia in small animal practice: impacts of age and gender on views on euthanasia. *BMC Veterinary Research*, v. 12, p. 26, 2016. 10.1186/s12917-016-0649-0.

HATCH, P. H.; WINEFIELD, H. R.; CHRISTIE, B. A.; LIEVAART, J. J. Workplace stress, mental health, and burnout of veterinarians in Australia. *Australian Veterinary Journal*, v. 89, n. 11, p. 460-468, 2011. 10.1111/j.1751-0813.2011.00833.x.

HESS-HOLDEN, C. L.; JACKSON, D. L.; MORSE, D. T.; Monaghan, C. L. Understanding Non-Technical Competencies: compassion and communication among fourth-year veterinarians-in-training. *Journal of Veterinary Medical Education*, v. 46, n. 4, p. 506-517, 2019. 10.3138/jvme.0917-131r1.

LESNAU, G. G.; SANTOS, F. S. Formação dos acadêmicos de Medicina Veterinária no processo de morte e morrer. *Bioscience journal*, v. 29, n. 2, p. 429-433, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-914410>. Acesso em 19 Mar. 2020.

LIMA, M. J. V.; ANDRADE, N. M. A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. *Saúde e sociedade*, v. 26, n. 4, p. 958-972, 2017. 10.1590/s0104-12902017163041.

MASTENBROEK, N. J. J. M.; DEMEROUTI, E.; VAN BEUKELEN, P.; MUIJTJENS, A. M. M. M.; SCHERPBIER, A. J. J. A.; JAARSMA, A. D. C. Measuring potential predictors of burnout and engagement among young veterinary professionals; construction of a customised questionnaire (the Vet-DRQ). *Veterinary Record*, v. 174, n. 7, p. 168-168, 2014. 10.1136/vr.101761.

MEEHAN, M. P.; MENNITI, M. F. Final-year veterinary students' perceptions of their communication competencies and a communication skills training program delivered in a primary care setting and based on Kolb's Experiential Learning Theory. *Journal Veterinary Medical Education*, v. 41, n. 4, p. 371-383, 2014.10.3138/jvme.1213-162R1.

MOSES, L.; MALOWNEY, M. J.; BOYD, J. W. Ethical conflict and moral distress in veterinary practice: A survey

of North American veterinarians. *Journal of Veterinary Internal Medicine*, v. 32, n. 6, p. 2115-2122, 2018. 10.1111/jvim.15315.

PERRET, J. L.; BEST, C. O.; COE, J. B.; GREER, A. L.; KHOSA, D. K.; JONES-BITTON, A. Prevalence of mental health outcomes among Canadian veterinarians. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 256, n. 3, p. 365–375, 2020. 10.2460/javma.256.3.365.

PLATT, B.; HAWTON, K.; SIMKIN, S.; MELLANBY, R. J. Suicidal behaviour and psychosocial problems in veterinary surgeons: a systematic review. *Social*

Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, v. 47, n.2, p. 223-240, 2012. 10.1007/s00127-010-0328-6.

RUJOIU, O.; RUJOIU, V. Veterinarians' Views on Pet Loss: evidence from Romania. *Journal Of Loss And Trauma*, v. 20, n. 2, p. 139-148, 2014. doi:10.1080/15325024.2013.834759.

TRAN, L.; CRANE, M. F.; PHILLIPS, J. K. The distinct role of performing euthanasia on depression and suicide in veterinarians. *Journal of Occupational Health Psychology*, v. 19, n. 2, p. 123-132, 2014. 10.1037/a0035837.